



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria

MIRANDA, Olinson Coutinho\*

GARCIA, Paulo César\*\*

### RESUMO:

A teoria queer surgiu na década de 90 do século XX e teve como referencial teórico os estudos de Foucault e Derrida, além da contemporânea Judith Butler. Ela foi originada do encontro dos estudos culturais norte americano com o pós-estruturalismo francês. A palavra queer é traduzida por estranho, excêntrico, raro e extraordinário. Os estudos queer adquire todo seu poder com a invocação que o relaciona com patologias e insultos e representam a transgressão quanto a uma sociedade heteronormativa, destacando a realidade social e cultural de uma minoria excluída - os homossexuais. Vale ressaltar, que esta minoria luta contra a condição de marginal de forma radical, exagerada e excêntrica. Dessa forma, ser queer é pensar na ambiguidade, na multiplicidade e na fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura.

**PALAVRAS-CHAVES:** Teoria Queer. Minoria. Cultura.

A Teoria Queer surgiu nos Estados Unidos na década de 90 do século XX com a relação entre os Estudos Culturais e o Pós-estruturalismo francês, no intuito de questionar, problematizar, transformar, radicalizar e ativar uma minoria excluída da sociedade centralizadora e heteronormativa. Portanto, representa as minorias sexuais em sua diversidade e multiplicidade, levando em consideração todos os tipos e concepções de sexualidade.

---

\* Mestrando em Critica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas, Graduado em letras com inglês pela UNEB e professor do projeto EMITec da Secretária da Educação do Estado da Bahia.

\*\* Orientador do Mestrado em Critica Cultural, Doutor em literatura, mestre em e professor da Universidade do estado da Bahia.



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



as quais fazem uma crítica dos discursos hegemônicos na cultura ocidental. Sua origem remonta às mudanças profundas de meados do século XX, quando problemáticas surgidas fora da academia e, muitas vezes, em confronto com a dinâmica institucional que passará a reger as disciplinas, foram reconhecidas pelos Estudos Culturais britânicos com sua refutação das distinções hierárquicas que distinguem cultura erudita e popular e ênfase na experiência dos grupos sociais historicamente subalternizados e explorados.

E como afirma Miskolci (2009), a relação com o pós-estruturalismo francês concebeu a problematização das concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação, devido à teoria queer buscar representar de forma excêntrica e radical as diversas identidades e especificações dos múltiplos e instáveis sujeitos. Porém, como Hall (2006) relata, ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório circunstancial e cindido. E como ratifica Jagose (1996), “A teoria queer desenvolve-se a partir de um reordenamento gay e lésbico das representações pós-estruturalistas da identidade como constelação de posições múltiplas e instáveis”.

A teoria queer teve como referencial teórico os estudos de Foucault e Derrida, além da contemporânea Judith Butler, constituindo uma resposta à problemática do déficit sofrido pelos estudos *gays* e lésbicos. A expressão teoria queer é atribuída a Teresa de Lauretis, no seu artigo “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities” publicado em 1991 na revista *differences*. Contudo, três anos depois a autora renunciou ao conceito, por considerá-lo desprovido de significado. Num artigo intitulado “Habit Changes”, publicado em 1994, Lauretis declarou a sua perspectiva:

“Quanto à “teoria *queer*”, a minha insistente especificação lésbica pode ser encarada como um distanciamento daquilo que, desde que a sugeri enquanto hipótese de trabalho para os estudos *gays* e lésbicos nesta mesma revista cedo se transformou numa criatura conceptualmente vazia da indústria editorial”. (1994: 297)



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Quanto à relação de estudos gays e teoria queer, Denilson Lopes (2002) acrescenta:

“Os estudos gays, lésbicos e transgêneros são áreas interdisciplinares de estudos emergentes na academia norte-americana pós os anos 60, com o estabelecimento de disciplinas, programas, centros, realização de congressos. Essa área sofre crítica nos anos 90 pela teoria dos estudos queer, ao retomar uma radicalidade política na contraposição a uma visão integrativa que o termo gay foi assumindo na sociedade norte-americana. O termo queer inclui simpatizantes e é paralelo ao interesse pelo transgênero, pela bissexualidade”.

Lopes apresenta que os estudos gays e lésbicos são precedentes da teoria queer e dão seu sustentáculo e base, porém são considerados deficientes em relação à representação da multiplicidade sexual e o combate à discriminação e exclusão. Dessa forma, a teoria queer entra em cena para retratar os novos entendimentos, reflexões, lutas em busca de igualdade e participação ativas dos diversos sujeitos sexuais existentes na atualidade.

É importante destacar, que a palavra queer, utilizada pelos teóricos, não tem uma tradução exata para a Língua Portuguesa. Portanto, a expressão queer é traduzida como estranho, talvez ridículo, raro, excêntrico, extraordinário. Retratando assim, uma situação de dúvida, questionamento, novidade, rebeldia e diversidade.

E como Louro (2004) também afirma:

“Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante- homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina”.



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Louro deixa claro, a ideia da teoria queer como uma concepção inovadora e perspicaz que traz pensamentos e ideologias diversificados e problematizadores. Destacando também, o fato de ser uma representação de uma minoria excluída que não almeja a permanência de uma sociedade centralizadora e normatizante, pois busca em seu excentrismo, liberdade, ativismo, provocações e desafios. E por ser inovadora, desviante, pervertida e rara, traz o estranhamento e a repulsa daqueles que se autodenominam “normais”.

A ideia dos teóricos usarem o termo queer, representando raro, excêntrico, vem da situação de positivar a repulsa, a humilhação, de forma pejorativa, que os homossexuais são agredidos e insultados pela sociedade heteronormativa e centralizadora. Segundo Butler (2002), “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos”.

Goffman (1988) declara que:

A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente.

A teórica confirma a situação de “menor” do indivíduo homossexual que subverte a ordem de uma sociedade heteronormativa. E essa sociedade torna-o desacreditado, estigmatizado, depreciado e excluído devido à conduta social normatizante e seletiva. Sendo assim, Gamson (2002) relata que “a política queer (...) adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a ‘norma’ daquilo que é ‘normal’, seja heterossexual ou homossexual. Queer não é tanto se rebelar contra a condição marginal, mas desfrutá-la”. Portanto, ser queer é ser marginal, mas essa marginalização é vista como fator positivo, pois o ideal queer, pode assim proclamar



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



uma identidade como minorias sexuais que estão em desacordo com o dominante, o legítimo, o normativo. Hoje as chamadas minorias sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores. A dominação que lhe é atribuída parece, contudo, bastante imprópria.

Quanto à ideia de ruptura e desacordo, é importante salientar o ideal de desconstrução promulgado por Jaques Derrida, pois se luta contra um construtivismo social vigente, determinado pelas normas e regras quanto aos estudos de gêneros e sexuais. Portanto, é necessária uma análise desconstrutivista para garantir a diversidade existente na sociedade contemporânea. Seidman (1995) ratifica que os estudos queer são favoráveis a uma estratégia descentralizadora ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado como propósito de contestar os conhecimentos e hierarquias sociais dominantes.

Miskolci (2009) destaca também:

“De qualquer forma, os pesquisadores desta corrente conheciam a linha do construtivismo social que formava a base dos estudos sobre sexualidade e gênero na teoria social canônica, mas consideravam que as pesquisas sobre “minorias” sexuais tendiam a reforçar crenças hegemônicas e, no máximo, tinham criado subáreas disciplinares, o que mantinha a marginalidade do objeto nas teorias socioantropológicas. A oposição crítica a este contexto institucional e à forma como os estudos construtivistas serviam aos interesses hegemônicos reforçou, ao menos inicialmente, a tendência queer a priorizar a análise desconstrutivista de produtos culturais como estratégia para sublinhar a centralidade da sexualidade na vida social contemporânea”.

Miskolci apresenta a relação entre a construção de teorias dos estudos sobre sexualidade e gênero diante daquilo que é canônico e a desconstrução desses estudos diante de uma nova proposta que leva em consideração as minorias sexuais e de gênero em sua multiplicidade e em diversidade sociocultural.



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Em relação aos novos estudos das minorias de gêneros e sexuais através da teoria queer, percebe-se a grande necessidade de representação das múltiplas identidades, composta por um número complexo de especificidades e particularidades sócio, histórico, econômico e principalmente cultural. Representam grupos menos favorecidos e excluídos da sociedade heteronormativa centralizadora, mas em sua diversidade, pois englobam os sujeitos da sexualidade desviantes como os homossexuais, os bissexuais, os travestis, os transexuais, as drags.

E como declara Louro:

As minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho – gay, étnico, de gênero. Sua visibilidade tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro, setores tradicionais renovam seus ataques, realizando desde campanhas de retomadas de valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física.

Dessa forma, Louro deixa claro que a teoria queer representa uma minoria, mas vale ressaltar, que contém uma diversidade de classe, orientação sexual, gênero, idade, nacionalidade e etnia, apresentando uma situação de maioria devido a sua multiplicidade de especificidades e tipos excêntricos. O teórico explicita também, que existem duas situações vigentes quanto à presença dessa diversidade, pois alguns aceitam essa pluralidade sexual e consomem seus produtos culturais, porém outros se mantêm em situação de repulsa e agressão devido aos valores tradicionais da sociedade preconceituosa e heteronormativa.



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Devido a esse fator de repulsa e marginalidade, a construção da identidade sexual se torna arbitrária, instável e excludente, uma vez que traz um silenciamento de outras experiências sexuais múltiplas. Portanto, a teoria queer não abandona essas identidades e experiências, mas propõe um significado permanente aberto, fluido e passível de contestação, para que ocorra o encorajamento e surgimento de diferenças e a construção de uma cultura diversificada e plural.

É importante salientar que os estudos queer sublinham a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social e cultural contemporânea, dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença. E como afirma Steven Seidman, o queer seria o estudo “daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, instituições sociais e cultura”.

Diante desse binarismo hetero/homossexual, Jagose (1996) traz a seguinte concepção:

Em sentido genérico, *queer* descreve as atitudes ou modelos analíticos que ilustram as incoerências das relações alegadamente estáveis entre sexo biológico, gênero e desejo sexual. Resistindo a este modelo de estabilidade – que reivindica a sua origem na heterossexualidade, quando é na realidade o resultado desta – o *queer* centra-se nas descoincidências entre sexo, gênero e desejo. [...] Quer seja uma performance travesti ou uma desconstrução teórica, o *queer* localiza e explora as incoerências destas três concepções que estabilizam a heterossexualidade. Demonstrando a impossibilidade de qualquer sexualidade “natural”, coloca em questão até mesmo categorias aparentemente não problemáticas como as de “homem” e “mulher”.



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Jagose esclarece que as incoerências existentes na situação de estabilidade promulgada de gênero e desejo sexual não se pode ser vista como essência aos estudos queer, já que promove uma desconstrução e centra-se nas descoincidências e incoerências entre sexo, gênero e desejo. Explorando todas as individualidades e especificidades sexuais do homem, da mulher, do gay, da lésbica, do bissexual, do transexual, da travesti para concretizar a pluralidade social e cultural presentes nessa sociedade que promove normas e centralização. A teoria queer apresenta-se enquanto proposta de teorização geral sobre a “sexualização de corpos, desejos, ações, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais” (Seidman, 1996: 13), cruzando muitos campos de saber.

Dessa forma, María Laura Moneta Carignano(2009) diz:

“A ideia é afirmar, positivamente, o caráter estranho, abjeto e ininteligível dos modos de vida e de práticas sexuais e de gênero minoritários. O alvo do discurso queer não é apenas o heterossexismo compulsório de nossas sociedades, mas também o processo de normalização do movimento social e o modo de vida das minorias sexuais. Por isso que a teoria queer aponta não para um binarismo de gênero, como no discurso da heteronormatividade, mas para uma proliferação e dispersão de gêneros”.

Segundo Guacira Lopes Louro(2007), de acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais. Revistas, moda, bares, filmes, música, literatura, enfim todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não-legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivo de escândalo. Na política de identidade que atualmente vivemos serão, pois, precisamente essas formas e espaços de expressão que passarão a ser utilizados como sinalizadores evidentes e públicos dos grupos sexuais subordinados. Sendo



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



assim, se trava uma luta para expressa uma estética, uma ética, um modo de vida que não se quer “alternativo”, mas que pretende, simplesmente, existir pública e abertamente, como os demais.

Portanto, Bourdieu (1979) declara:

“O rompimento com a invisibilidade se dá com uma superação do gueto, e a constituição de grupos organizados de homossexuais que visam questionar sua posição na sociedade, tentando redefinir a categorização social do homossexual: lutando por impor o sistema de classificação mais favorável a suas propriedades ou ainda para dar ao sistema de classificação dominante o conteúdo melhor para valorizar o que ele tem e o que ele é”.

Bourdier confirma a luta que os homossexuais travam contra a invisibilidade para obter uma superação diante da situação de minoria e marginais para se tornarem sujeitos ativos, detentores de voz e conseguirem alcançar liberdade, igualdade de direitos e visto em sua plenitude de ser humano, valorizando o que eles foram, são e serão nessa sociedade preconceituosa e normatizante.

Dessa forma, a teoria queer vem representar tudo que envolve as minorias sexuais em suas especificidades e pluralidades e colocar em prática uma cultura múltipla e específica de grupos como os gays, as lésbicas, os bissexuais, os travestis, os transexuais, as drags. Vale ressaltar, que é a cultura de uma minoria, porém maioria em riqueza e diversidade que almeja voz, lugar, inclusão, nessa sociedade heteronormativa e centralizadora através de distorção, transgressão, estranheza e ruptura.



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## Referências

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária editorial, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979.

CARIGNANO, María Laura Moneta. O “mundo da bichas” em copi e perlongher: *identidade, gênero e literatura*. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

GAMSON, Joshua. *Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Un extraño dilema*. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária editorial, 2002

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1988

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JAGOSE, Annamarie. *Queer Theory: An Introduction*. New York: New York University Press, 1996.



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



LAURETIS, Teresa de. "Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities", *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, 3(2), iii-xviii, 1991.

LAURETIS, Teresa de. "Habit Changes", *Differences. A Journal of Feminist Cultural Studies*, 6(2-3), 1994.

LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MISKOLCI, Richard. *A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 11, v. 1, n. 29, 2009,

PRECIADO, Beatriz. *Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"*. Disponível em: [www.intersexualite.org/MULTITUD\\_ES\\_queer.pdf](http://www.intersexualite.org/MULTITUD_ES_queer.pdf)

SEIDMAN, Steven (org.). *Queer Theory / Sociology*. Oxford: Blackwell. 1996.